

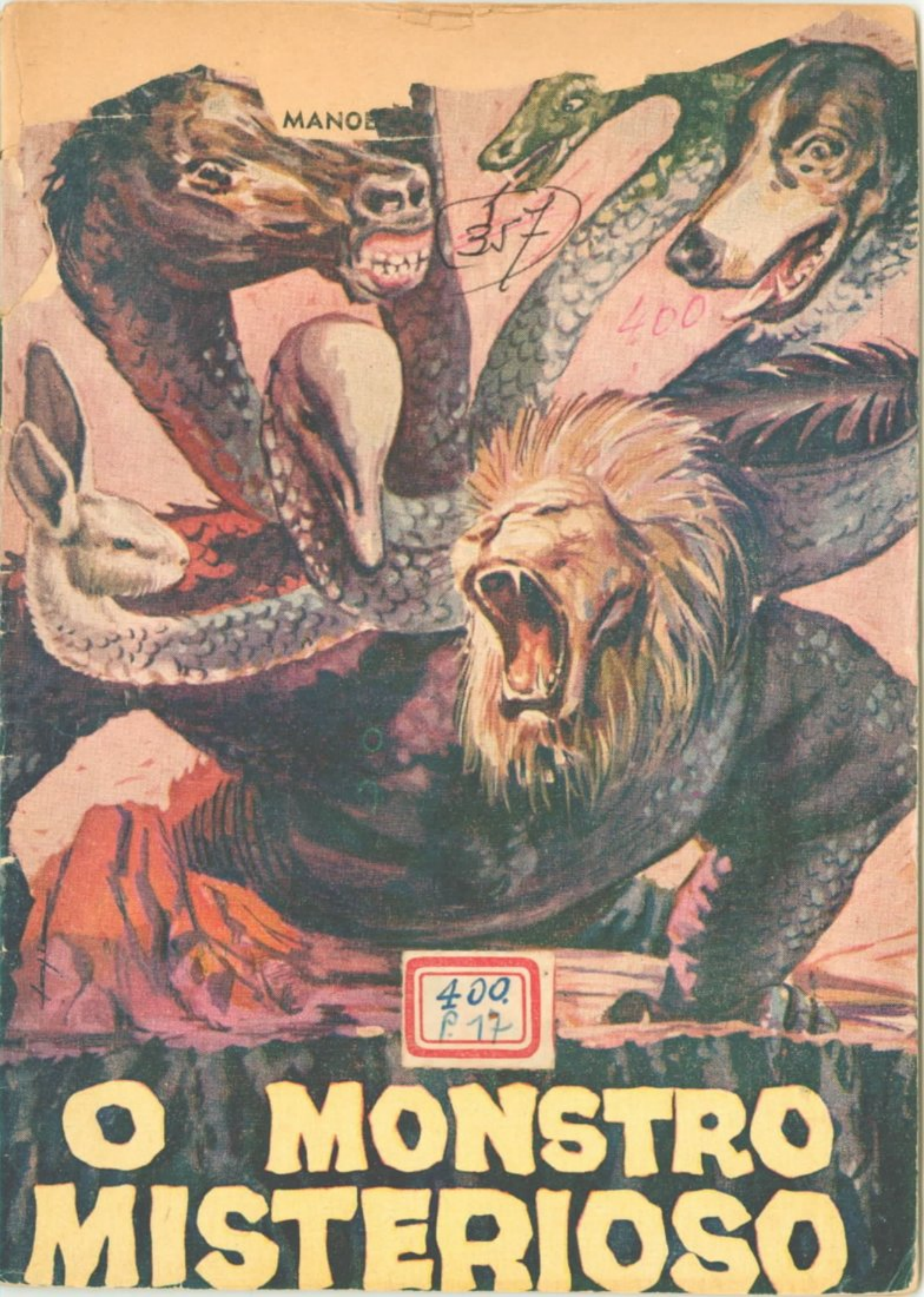
MANOEL

357

400

400
P. 17

O MONSTRO MISTERIOSO



MANOEL D'ALMEIDA FILHO



O MONSTRO MISTERIOSO

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



 EDITORA
Prelúdio LDB

RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374
SÃO PAULO - 6

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O MONSTRO MISTERIOSO



A vida humana na terra
Enfrenta dura batalha
Quem vive aqui não descansa
De dia à noite trabalha
Só o escudo da fé
Na luta não mostra falha.

Porque quem tem a fé pura
No Autor da Criação
Leva a cruz que simboliza
A espada do cristão
E com ela já não teme
Nem as chamas de um vulcão.

Quem acredita em Jesus
Enfrenta o que aparece
Não teme bicho valente
Combate e não esmorece
A força da sua fé
Quanto mais luta mais cresce.

Foi Jesus mesmo quem disse
Na Escritura Sagrada
Que a fé transporta montes
Quando está concretizada
Quem não crer nestas palavras
Não é cristão não é nada.

É por isso que apresento
Um mancebo corajoso
Que fêz da fé um escudo
Invencível, poderoso
Vencendo em grande batalha
Um monstro misterioso.

Existia num Condado
Numa esquisita montanha
Um monstro descomunal
Cheio de mistério e manha
Que ninguém compreendia
Sua formação estranha.

Tinha o corpo de leão
Cabelos grandes e pretos
Duros, parecendo aço
De ganchos como gravetos
Topando numa pessoa
Furavam mais que espetos

Dêsse corpo monstruoso
Como uma aberração
Saíam sete cabeças.
A primeira de leão
A segunda de cavalo
E a terceira era de cão.

A quarta cabeça era
De uma lebre, finalmente
A quinta de caracol
A sexta era de serpente
A sétima de um pato
Com aspecto repelente.

Sobre as cabeças do monstro
Há um sentido, um critério
Para toda humanidade
Um assunto muito sério
Porém, só no fim do livro
Saber-se-ó do mistério.

Então, aquela montanha
Aonde o monstro habitava
Chamava-se: "Vai, não Volta"
Porque ninguém escapava
Quem se destinasse à serra
De lá nunca mais voltava.

Já não havia sossego
Entre o povo do Condado
Um quarto dos habitantes
Tinha sido devorado
Pelo bicho monstruoso
Desumano, endiabrado.

O conde mandava tropas
Soldados, oficiais
Os guerreiros mais valentes
Com armas especiais
O monstro arrasava tudo
Ficava pedindo mais.

O conde já não sabia
A medida que tomasse
Porque os homens que iam
Não tinha um que voltasse
E nem quem ferisse o bicho
Com uma arma e matasse.

Entre as tropas disponíveis
Quase "o Diabo se solta"
Para ninguém ir à serra
Houve até uma revolta
Diziam todos: não vamos
À serra do "Vai, não Volta".

O monstro continuava
Fazendo a destruição
As tropas acovardadas
Não faziam reação
O conde não encontrava
Meio para a salvação.

Diante da iminência
Duma desgraça geral
O fidalgo preparou
Um corajoso edital
Para ver se evitava
A destruição total.

Em tôdas as direções
O edital foi lançado
Descrivendo o que estava
Se passando no Condado
E oferecendo um prêmio
A quem não fôsse assambrado.

O prêmio era para quem
Tivesse o atrevimento
De liquidar com o monstro
Ganharia em pagamento
A metade do Condado
E Rosalva em casamento.

Rosalva era filha única
Do conde Justino Fáusto
E da condêssa Felícia
Casal que estando exausto
Ofereceu pelo povo
A filhinha em holocausto.

O edital correu mundo
Em reinos desconhecidos
De onde vinham guerreiros
Valentes e destemidos
Porém, nas unhas do monstro
Eram todos destruídos.

Muitos enfrentavam a luta
Sòmente pela beleza
Da condessinha Rosalva
Que naquela redondeza
Era a moça mais bonita
Entre as filhas da nobreza.

Para liquidar o monstro
A luta continuava
Quando chegava um guerreiro
Para a montanha marchava
Era a última notícia
Porque de lá não voltava.
Enquanto pela vitória
A luta está nesse pé
Num reino muito distante
O edital foi até
Às mãos dum moço chamado
"Antenor, o rei da fé".

Antenor, por um mistério
Possivelmente de Deus
Já nasceu predestinado
Contra os maus, contra os ateus
Parecia até Sansão
Lutando com os filisteus.
Filho de família pobre
Seguia os ensinamentos
Da Santa Igreja de Cristo
Com todos os sacramentos
Obedecendo os ditames
As leis e os mandamentos.

Antenor, desde criança
Defendia os oprimidos
Mesmo contra os potentados
Amparava os ofendidos
Dominava os opressores
E perdoava os vencidos.
Tinha tanta fé em Deus
Que dizia aos opressores:
Como Jesus deu a vida
Amparando os pecadores
Eu também darei a minha
Defendendo os sofredores.

Sou um soldado de Cristo
(Dizia já homem feito)
Contra o mal, a injustiça
Tôda batalha eu aceito
Só não luto contra o bem
A justiça e o direito.

Antenor, para cumprir
Todos os seus ideais
Mandou fazer uma espada
Contendo sete metais
Unindo sete mistérios
Todos em partes iguais.

Com essa espada na mão
Antenor se transformava
Num guerreiro tão valente
Que ninguém o suportava
Vencia tôdas as lutas
Homem nenhum o tocava.

Porque a espada tinha
Um poder misterioso
Que qualquer homem com ela
Se tornava corajoso
Sem saber de onde vinha
O mistério poderoso.

Do segredo da espada
Nem mesmo Antenor sabia
Pensava que a coragem
Com que as lutas vencia
Era vinda d'ele mesmo
Pela fé que possuía.

Por não saber o mistério
(O nosso herói Antenor)
Irá cair inocente
Nas mãos de um traidor
Porém, enquanto não cai
Vai mostrando o seu valor.

Dentro das grandes batalhas
(Entre os inimigos seus)
Gritava: eu hei-de vencer
Todos os maus e ateus
Para salvar os cristãos
Com a fé que tenho em Deus.

De fato, vencia a todos
Dominava qualquer guerra
Era como um caçador
Que um só tiro não erra
Um mau que o enfrentasse
No outro dia era terra.

Assim, quando uma nação
Era por outra atacada
Antenor era chamado
Seguia com sua espada
Os inimigos fugiam
Só com a sua chegada.

Pela sua crença em Deus
Ficou cognominado:
"Antenor, o rei da fé",
Nas batalhas respeitado
Nunca achou um inimigo
Que não fôsse dominado.

Assim, Antenor estava
Consagrado na História
Porque de tôdas as lutas
Vinha coberto de glória
Trazendo na sua espada
O emblema da vitória.

Chegando dum batalha
Antenor, nesse momento
Recebeu o edital
Com o oferecimento
Da metade do Condado
E a condêssa em casamento.

O rei da fé disse: eu vou
Atender ao edital
Não pela mão da condessa
Nem o prêmio principal
Mas para salvar o povo
Do monstro descomunal.

Não vou pelo casamento
Nem a banda do Condado
Quero só matar o monstro
Ver o povo descansado
Se merecer, só por Deus
Quero ser recompensado.

Porque quem tem interêsse
É luta por ambição
Não merece a confiança
Do Autor da Criação -
Nem terá uma cadeira
Na mesa da salvação.

Antenor com essa idéia
Sem ter ambição por nada
Empreendeu a viagem
Numa longa caminhada
Até chegar ao Condado
Para topar a "parada".

A cidade estava cheia
Os hotéis superlotados
De guerreiros estrangeiros
Muitos já desanimados
Porque mais de quatrocentos
Tinham sido devorados.

Havia uma grande fila
Todos que iam chegando
Eram logo registrados
E ficavam descansando
Para combater o monstro
A sua vez aguardando.

Com a chegada, Antenor
Fêz sua inscrição urgente
E contou quarenta e seis
Guerreiros na sua frente
Os heróis mais corajosos
Das bandas do Oriente.

Partia um todo dia
Pela manhã viajava
À serra do "Vai, não Volta"
Por lá mesmo se acabava
Ninguém não tinha a noção
Como o monstro o devorava.

No dia seguinte, outro
Seguia na mesma estrada
Era a última lembrança
Que ficava registrada
Deixando a população
Mais e mais apavorada.

Rosalva era apresentada
Como que por incentivo
A todos os candidatos
Que só por êsse motivo
Tinha até quem promettesse
De trazer o monstro vivo.

Antenor vendo a condêssa
Apertou a sua mão
Rosalva sentiu um choque
Balançar seu coração
Lhe parecendo um mistério
Vindo d'outra região.

A moça viu no herói
Um aspecto diferente
Desejou que êle não fôsse
Na luta mais concorrente
Porque na serra seria
Devorado fatalmente.

Pensando dessa maneira
Palestrou com Antenor
Dizendo que tinha pena
Sentindo uma grande dor
De vê-lo cair nas garras
Do monstro devorador.

— Aqui estou — disse o moço
Para salvar o Condado
Com a fé que tenho em Deus
Jamais serei devorado
Hei-de deixar o seu povo
Para sempre descansado.

Enquanto Rosalva ia
Com o rapaz conversando
Pensando dissuadi-lo
Ia se apaixonando
A luta continuava
O tempo ia se passando.

Afinal, muitos da fila
Desistam da viagem
Voltavam às suas terras
Deixando tôda vantagem
Para Antenor que queria
Mostrar a sua coragem.

Até que enfim chegou
O dia tão desejado
Do herói subir à serra
Como estava preparado
Para com a fé em Deus
Salvar aquêle Condado.

Distava só quatro léguas
Até o pé da montanha
Quando Antenor foi chegando
Sentiu uma fé tamanha
Que dominou o seu corpo
Numa reação estranha.



No campo, à boca da gruta
Um quadro triste existia
Esqueletos e apetrechos
Por tôda parte se via
Ao redor com meia legua
O mau cheiro rescendia.

O rapaz olhando o quadro
Nada o aterrorizou
Seguiu pisando em ossadas
Quando o monstro o avistou
Deu um rugido tão grande
Que a serra balançou.

Levantou-se na caverna
Dando tremendos rugidos
As cabeças pululando
Sôbre os pescoços compridos
Ameaçando atacar
Com estranhos alaridos.

Antenor vendo no monstro
As cabeças agitadas
Pensou que precisaria
Sete mãos agigantadas
Para em um só momento
Cortá-las com sete espadas.

Porém sentiu nessa hora
Como que uma fôrça estranha
Dominar todo o seu corpo
Numa reação tamanha
Que se sentiu um gigante
Maior do que a montanha.

Contra os poderes do mal
Fêz uma prece a Jesus
Em defesa dos cristãos
Beijou da espada a cruz
E partiu para a batalha
Espantando os urubus.

O monstro vinha descendo
Arrebentando as barreiras
Por cima dos esqueletos
Tropeçando nas caveiras
Com as cabeças famintas
Perversas e carniceiras.

Com o monstruoso corpo
Cabelos arrepiados
Movimentando as cabeças
Os pescoços estirados
Se via as bôcas abertas
Com os dentes afiados.

O monstro era acostumado
Ver quem ia combatê-lo
Ficar parado, tremendo
Sem coragem de batê-lo
Porém, com o nosso herói
Encontrou o desmantê-lo.

Uma tremenda zoadá
As cabeças promoviam
Pato, lebre e caracol
Apenas se remexiam
Serpente, cão e leão
Com a gula se lambiam.

A montanha estremeceia
Enquanto o monstro avançava
Entre as outras seis cabeças
A de cavalo rinchava
Antenor com a espada
Para o bicho caminhava.

A cabeça de serpente
Foi quem primeiro avançou
Deu um bote de dois metros
O rapaz se desviou
Deu a primeira espadada
A batalha se travou.

O monstro descomunal
Na luta se defendia
Como uma espécie de cágado
As cabeças recolhia
Numa cova, no pescoço
A tôdas sete escondia.

Porém, é que as cabeças
Rápidas se levantavam
Com tôda ferocidade
Sòmente três atacavam
As outras quatro medrosas
Atrás das três se ocultavam.

Essas três que avançavam
Unidas conjuntamente
Eram, em linha, a de cão
De leão e de serpente
Prontas para liquidarem
Qualquer guerreiro valente.

Assim, o nosso Antenor
Quando rodava a espada
As cabeças se abaixavam
Na sombra da espadada
O aço, como um relâmpago
Cortava o vento e mais nada.

Nesses golpes desfechados
Quando a espada topava
Sôbre os cabelos do monstro
Um fogo azul levantava
Pela dureza encontrada
A espada fumagava.

Na maior velocidade
As cabeças se moviam
O moço rodopiava
Elas por trás investiam
Êle passava a espada
As bichas se recolhiam.

Quando a espada descia
As cabeças se ocultavam
O ferro batia em cheio
Os cabelos faíscavam
De todo o corpo do monstro
As labaredas voavam.

Na luta, o rapaz foi vendo
Cabeças desordenadas
Duas, três, se levantavam
Outras ficavam acamadas
Mesmo aquelas mais ferozes
Davam sinal de cansadas.

Também, êle se sentia
Muito abatido e cansado
Dava golpe sôbre golpe
Sem ter nenhum resultado
Porque, numa só cabeça
Inda não tinha acertado.

Numa investida do monstro
Deu um golpe imediato
Por sua sorte acertou
Bem na cabeça de pato
Que com a força do golpe
Foi cair dentro do mato.

Com a perda da cabeça
O monstro deu um rugido
Que a terra estremeceu
A serra deu um gemido
Antenor ficou mais forte
O bicho estava ferido.

A cabeça de serpente
Numa tremenda avançada
Em vez de acertar o moço
Abocanhou a espada
Com tanta força que quase
A arma era arrebatada.



Agora, o monstro lutava
Com muito mais precaução
Porém Antenor estava
Com maior disposição
Enfrentando as investidas
Da cabeça de leão.

No meio da grande luta
Numa dessas avançadas
Surgiram duas cabeças
Bobando, descontroladas
As de lebre e de cavalo
Foram as duas decepadas.

Quando as cabeças rolaram
Em uma avançada certa
A cabeça de leão
Atacou de boca aberta
Vendo os dentes afiados
O rapaz quase deserta.

Porém, se reanimou
E pulou com rapidês
Acertou em três cabeças
Num golpe de sensatez
Caracol, cão e serpente
Cortou as três duma vez.

O monstro estava batido
Porém, ainda, avançando
Com as cabeças cortadas
Os seis pescoços sangrando
Com a de leão somente
Continuava atacando.

Antenor viu que o monstro
Perdia a ferocidade
Não tinha mais rapidês
Sentiu-se tão à vontade
Que resolveu, como prova
Levá-lo vivo à cidade.

Assim, foi ao seu cavalo
Trouxe um cabo reforçado
Laçou o monstro de longe
Depois de vê-lo laçado
Deu um puxão, derrubou-o
Deixou-o bem amarrado.

Depois de ter descansado
Montou-se no seu cavalo
Deixou o monstro seguro
Para logo mais levá-lo
Foi à cidade a procura
De gente para ajudá-lo.

Com meia legua encontrou
Um destemido guerreiro
Trazendo quatro criados
Um marquês aventureiro
Hipócrita, ambicioso
Perverso, mau, traiçoeiro.

O moço vendo o marquês
Declarou-lhe a sua história
Como dominou o monstro
Na sua maior vitória
E pediu a sua ajuda
Para completar a glória.

Então pediu para que
O marquês com os criados
Seguissem com êle à serra
Unidos, organizados
Para conduzir o monstro
Com os pescoços cortados.

O marquês, malicioso
Tocado por Satanás
Aceitou logo o convite
Com uma idéia voraz
De arrebatá-lo para si
A vitória do rapaz.

Assim, foi com os criados
Pensando na falsidade
Só esperando o momento
Duma oportunidade
Para executar o plano
Da sua perversidade.

Porém, o nosso Antenor
Não tinha maldade em nada
Também não compreendia
O valor de sua espada
Assim, caiu inocente
Na mais tremenda cilada.

O marquês quando avistou
O quadro desenrolado
Naquele campo de luta
O monstro já dominado
Com seis cabeças cortadas
E o corpo todo amarrado.

Pensou: como poderia
Roubar um cortaz daquele?
Só se pudesse vencer
Quem tinha lutado nêle
Era Antenor, mas temia
O pêso do braço dêle.

Porém, o rapaz pensando
Fazer tudo de uma vez
Confiando em sua fôrça
Não usou de sensatez
Para revirar o monstro
Deu sua espada ao marquês.

O marquês com a espada
Transformou-se no instante
Suas fôrças aumentaram
Sentiu-se como um gigante
E viu Antenor pequeno
Fraco, insignificante.

De fato, o moço valente
Sentiu-se diminuído
O marquês aproveitou
Deu-lhe golpe desmedido
E chamou os seus criados
Antenor viu-se perdido.

Ainda lutou, porém
Foi por êles dominado
Com uma corda bem forte
Viu o seu corpo amarrado
Entre caveiras e ossos
Com um lenço amordaçado.

O marquês com os criados
Deixaram a serra deserta
Levando o monstro maldito
À cidade de Bizerta
Deixando o nosso Antenor
Esperando a morte certa.

Na saída, o marquês disse:
— Não preciso pensar nêle
Nem melar as minhas mãos
Num sangue sujo daquele
Os urubus e as feras
Darão logo conta dêle.

Assim, entrou na cidade
Levado pelos criados
O monstro descomunal
Com os pescoços cortados
O conde com a vitória
Deus três dias feriados.

Mandou fazer uma jaula
Por um artista modelo
Nela colocou o monstro
Para todo mundo vê-lo
Como maior segurança
Na porta botou um sêlo.

Para a entrega do prêmio
Foi tratar do documento
Rosalva foi avisada
Desde aquêlê momento
Que com três dias depois
Seria o seu casamento.

A moça ficou contente
Pensando ser Antenor
Mas quando viu o marquês
Quase morre de pavor
Achando que êle tinha
Os olhos de um traidor.

Rosalva disse: — Papai
Alguma coisa se deu
Para mim, êsse marquês
Um grande mal cometeu
E essa fera maldita
Não foi êle quem venceu.

O conde não deu ouvidos
Ao que a filha dizia
Apenas disse que ela
A sua lei cumpriria
Dentro do prazo marcado
Com o marquês casaria.

Porém, como Deus não dorme
O quadro modificou
No outro dia cedinho
Um grupo se organizou
Para conhecer a serra
Aonde o monstro habitou.

Por três moços da cidade
Êsse grupo era formado
Que chegados na montanha
Viram Antenor amarrado
Embolando sôbre o chão
De urubus rodeado.



Os rapazes vendo o quadro
Aos urubus espontaram
Com tãda velocidade
Dêle se aproximaram
Tiraram o lenço da bõca
E a corda desamarraram.

Antenor depois de sãlto
Contou o caso passado
Desde que venceu o monstro
Deixando-o bem amarrado
Atê a vez do marquês
Como o tinha atraçoado.

Seguiu com os três rapazes
Quando chegou à cidade
Que contou a sua história
Perante a autoridade
Foi tido por mentiroso
E prêso a bem da verdade.

Com medo de serem presos
No meio da confusão
Os três rapazes fugiram
Temendo uma punição
Antenor ficou sem prova
Foi pôsto numa prisão.

Enquanto isso, o marquês
Inventou a sua história
Como dominou o monstro
Para obter a vitória
Contando perante o povo
Era coberto de glória.

A espada de Antenor
Foi posta em exposição
Porque ninguém conhecia
Sua valorização
Por um mistério, o rapaz
Foi tocado na prisão.

Veio uma interrogação
Bater no seu pensamento:
Porque perdeu a coragem
Naquele justo momento
Que entregou a espada
Ao marquês sanguinolento?

Pensando assim, pareceu
Uma idéia despertá-lo:
Porque aquêlê marquês
Tinha podido enfrentá-lo
Com a sua própria espada
A ponto de dominá-lo?

Quando isso lhe chegou
Já era o terceiro dia
Os noivos estavam prontos
A tarde triste caía
A hora se aproximava
Já o cortêjo seguia.

Dezenas de carruagens
No rumo da Catedral
Acompanhava tocando
Uma banda musical
No compasso ritmado
Da marcha nupcial.

Antenor, como avisado
Nessa hora, na prisão
Chamou um guarda em segrêdo
E lhe deu um patacão
Pedindo que fôsse urgente
Até à exposição. . .

E lhe trouxesse a espada
Que êle queria ver
Aquela arma que havia
Tido a fôrça de vencer
O monstro misterioso
Só queria conhecer.

O guarda inocentemente
Quando no ouro pegou
Saiu em tôda carreira
Com dez minutos voltou
Trouxe a espada embrulhada
Nas mãos do moço entregou.

Antenor com a espada
Sentiu uma reação
Que com uma espadada
Quase derruba a prisão
Os guardas correram tontos
A porta voou no chão.

Pulou e saiu correndo
Pela praça principal
Encontrou com o cortêjo
Já perto da Catedral
Parou em frente ao marquês
O assombro foi geral.

Partiu e disse: — Bandido
Sua hora está chegada
Se você venceu o monstro
Prove à sua noiva amada
Porque, agora, ou me vence
Ou casa com minha espada.

O marquês disse assombrado:

— Para onde você vem?!
Quer destruir meu noivado
Mas, não vai sair-se bem
Venci o monstro e agora
Hei-de vencê-la também.

Bateu mão à sua espada
E partiu para o rapaz
Com toda ordem de luta
Antenor fastou atrás
Os dois ferros se cruzaram
Quebrou-se o elo da paz.

O marquês desceu a arma
Com toda a força dos braços
Mas Antenor rebateu
Na topada dos dois aços
A espada do marquês
Partiu-se em várias pedaços.

Já vendo a morte, o marquês
Só pensou na falsidade
Correu em busca da jaula
Com grande velocidade
Pensando saltar o monstro
Para arrasar a cidade.

Chegando à porta da jaula
Urgente o sêlo arrancou
Na desespero que vinha
Abriu a porta e entrou
Com a cabeça de leão
O monstro se levantou.

Avançou de boca aberta
O traidor não fêz nada
Porém sentiu a cabeça
Pela fera abocanhada
Ser pelos dentes agudos
Num instante, esmigalhada.

Numa fração de segundo
O marquês foi liquidado
O monstro sôlto emitiu
Um rugido agigantado
E avançou pela praça
Deixando o povo assombrado.

Antenor que vinha perto
Pela rua principal
Viu o povo se trancando
Naquela hora fatal
Sòzinho, enfrentou a fera
Para uma prova real.

O monstro agora refeito
Vinha em louca disparada
A cabeça de leão
Com a boca escancarada
O nosso herói recebeu-o
Na ponta de sua espada.

O monstro com rapidês
A cabeça desviou
Quando a espada desceu
No corpo dêle acertou
Fogo de tôdas as côres
Os ares iluminou.

Antenor que já sabia
Como vencer a "parada"
Só procurava a cabeça
Dessa fera agigantada
Para cortar o pescoço
Com uma só espadada.

Porém, o monstro entendia
O que o rapaz planejava
Arrepiava os cabelos
E a cabeça ocultava
Quando a espada descia
Batia mas não entrava.

Embuchava nos cabelos
Que pareciam de aço
Nos golpes horizontais
Passava sem embaraço
Pois, a cabeça baixava
Só encontrava o espaço.

Mas, Antenor com coragem
A luta continuava
Dava pulo de três metros
O monstro também pulava
Porém, o golpe fatal
Nem um nem outro acertava.

O povo todo trancado
Pouco a pouco foi abrindo
As portas das residências
E para às ruas saindo
Ficando pelas calçadas
À grande luta assistindo.

A cabeça de leão
Do monstro já bambeava
Não tinha mais rapidês
Quando subia ou baixava
Entre os pescoços cortados
Dando sinal que cansava.

Até que o rapaz num golpe
Acertou uma espadada
Pegou o pescoço em cheio
Com uma só cutelada
A cabeça voou longe
Em cima duma calçada.

O monstro tombou sem vida
Perante "a lei do mais forte"
O povo gritou em massa:
— Deus mudou a nossa sorte
Viva o herói que salvou
O nosso povo da morte.

Antenor, nesse momento
Por todos foi abraçado
Os criados do marquês
Contaram todo passado
E também os três rapazes
Que o encontraram amarrado.

Quando a condessa Rosalva
Ao moço reconheceu
Deu-lhe um abraço dizendo:
— Só a verdade venceu.
Tôda a vitória é do povo
Porém o herói é meu.



Antenor não se opôs
Porque se sentia amado
Também amava a condessa
Por quem já era adorado
Assim, voltou o cortêjo
À Catedral do Condado.

Entre vivas e festejos
Os noivos foram chegados
Cumprindo a ordem cristã
Ao depois de confessados
Foram pelo sacerdote
Lididamente casados.

Depois do herói casado
Vamos ouvir o critério
Sobre as cabeças do monstro
Por um sábio muito sério
Que pela sabedoria
Vai descrever o mistério.

Disse o sábio: — Meus amigos
Já é chegado o momento
De descobrir-se o mistério
Do monstro sanguinolento
Que trazia o nosso povo
Nas garras do sofrimento:

— O monstro simbolizava
Em pessoa, o Satanás
Aqueles sete cabeças
Representavam sinais
Desenvolvendo os efeitos
Das pecados capitais.

Representava a soberba
A cabeça de leão
A de serpente, a inveja
A de pato, a gula; então
A ira era apresentada
Pela cabeça de cão.

A cabeça de cavalo
Demonstrava a avareza
De caracol, a preguiça
Irmã gêmea da pobreza
A de lebre era a luxúria
Amiga da impureza.

Assim, estão explicadas
As cabeças infernais
Que só seriam cortadas
Por forças especiais
Duma arma preparada
Feita com sete metais.

Para haver essa vitória
Foi o que aconteceu
Antenor foi inspirado
Pela fé que tinha em Deus
Fêz a espada e com ela
Ao grande monstro venceu.

Pois, um soldado de Cristo
No combate nunca erra
Não pode depôr as armas
Continua em plena guerra
Até vencer totalmente
O mal na face da terra.

Antenor, o rei da fé
Lutando contra os ateus
Mostrou a sua coragem
Ensinando os fariseus
Ilustra, assim, nossa História
Dando mais uma vitória
A quem acredita em Deus.



melodias

a revista da mocidade

MELODIAS ensina você a contar em INGLÊS, tocar VIOLÃO e ACORDEON por métodos revolucionários, dispensando o auxílio de professor!

MELODIAS publica notícias sobre Rádio, TV, Cinema e Teatro. Letras de sucessos musicais e uma diversidade de assuntos de seu interesse!

MELODIAS mantém uma seção especializada de HORÓSCOPOS, com respostas aos consulentes a cargo de OMAR CARDOSO.

MELODIAS é uma revista inédita! Interessante!
Agradável!

MELODIAS ensina, alegra e diverte.

Um livro obrigatório para todas as bibliotecas caseiras

QUITUTES DE DONA JÚLIA

Receitas as mais variadas! Sugestões econômicas! Quitutes, doces e salgados que todos adorarão! Receitas provadas por hábeis e inteligentes donas de casa!



Pedidos à EDITORA PRELÚDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO - 6

7285
13

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

- O JULGAMENTO DE CANÇÃO DE FOGO NO CÉU** — Cancão de Fogo é um personagem fabuloso, que consegue vencer a todos com sua astúcia e sua audácia. Após sua morte, é levado para o céu, onde deve ser julgado. O seu julgamento é inteligentemente defendido por si mesmo, que com sua lábia consegue envolver em sofismas seus julgadores. Em versos.
- O CASAMENTO DO MACACO COM A ONÇA** — Uma história tipo fábula, em que os animais vivem e pensam. Divertida narrativa, na qual a onça casa-se com seu proverbial e antigo inimigo, o astucioso macaco. Em versos.
- O PAVÃO MARAVILHOSO** — História de um jovem apaixonado, que não podendo conquistar sua amada, muda-se para uma região misteriosa, onde consegue um pavão de misteriosos poderes. Com auxílio da miraculosa ave consegue vencer o rival e conquistar a mulher dos seus sonhos. Em versos.
- PIADAS DE BOCAGE** — Uma coletânea das mais divertidas piadas do famoso Bocage, o rei do bom humor, o incomparável anedotista. Um livro feito para provocar gargalhadas no mais sizudo dos homens. Em versos.
- OS MISTÉRIOS DA PRINCESA DOS SETE PALÁCIOS DE METAL** — Misteriosa princesa oriental livrava-se de todos os candidatos que se apresentavam para conseguir sua mão. Até que um dia o resolutivo Roberto resolve descobrir o mistério que envolvia a linda princesa dos sete palácios de metal. Em versos.
- OS SOFRIMENTOS DE ALZIRA** — Alzira, virgem sonhadora e linda, tem um destino cruel e um amor impossível. Sofre resignadamente, e sua vida é um romântico rosário de dores e sofrimentos. Uma história comovente capaz de provocar lágrimas. Em versos.
- ENCONTRO DE CANÇÃO DE FOGO COM PEDRO MALAZARTE** — Os dois mais famosos personagens do mundo da lenda encontram-se num terrível desafio de astúcia e esperteza. Ninguém pode dizer qual dos dois é mais esperto. Uma luta de inteligência entre dois vultos assombrosamente famosos. Em versos.
- O CACHÔRRO DOS MORTOS** — Romance acontecido no ano de 1806, no tempo do Império, no Estado da Bahia. Um crime que abalou todo o território bahiano e um cão fiel à seus donos descobriu o criminoso.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações,
dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo